

EMBATES DISCURSIVOS NO JORNAL UBERLANDENSE *A TRIBUNA*: UM ESTUDO DE CASO COM BASE EM CONCEITOS E METODOLOGIAS FOUCAULTIANAS

Maria Clara Costa Pereira ¹

Resumo: A partir da apresentação de dois documentos do jornal *A Tribuna*, publicado entre os anos de 1919 e 1945 na cidade de Uberabinha/Uberlândia (Minas Gerais, Brasil), e de conceitos e metodologias investigativas amparadas na obra de Michel Foucault, propõe-se um estudo de caso para se refletir como textos com abordagens e perspectivas divergentes se inserem dentro de um mesmo embate discursivo, sendo influenciados por, ao passo que constroem, sua prática política.

Palavras-chave: Foucault; Imprensa; Poder; Discurso.

DISCURSIVE STRUGGLES IN THE UBERLANDENSE JOURNAL *A TRIBUNA*: A CASE STUDY BASED ON FOUCAULT'S CONCEPTS AND METHODOLOGIES

Abstract: Starting from the presentation of two documents from the journal *A Tribuna*, published between 1919 and 1945 in the city of Uberabinha/Uberlândia (Minas Gerais, Brasil), and the investigative concepts and methodologies supported by the work of Michel Foucault, it is proposed a case study to reflect on how texts with divergent approaches and perspectives are inserted within the same discursive struggle, being influenced by, while building, their political practice.

Keywords: Foucault; Press; Power; Discourse.

1. Introdução

Este trabalho visa a estabelecer reflexões, com base na metodologia foucaultiana, de dois documentos publicados no jornal *A Tribuna* (1919-1944) da primeira metade do século XX da cidade mineira de Uberabinha/Uberlândia² (Minas Gerais, Brasil). Esse periódico foi publicado semanalmente e veiculava notícias locais, regionais e nacionais, textos literários (com destaque especial para crônicas e poemas) e cunho político, além de anúncios. *A Tribuna* foi dirigido por Agenor Paes e representa o jornal com maior número de exemplares da primeira metade do século XX da cidade de Uberlândia.

Tal contexto histórico é marcado por uma grande dificuldade de manutenção de periódicos. Muitas são as experiências frustradas de, a longo prazo, publicar um jornal. A sustentação de um jornal vem de suas assinaturas

¹Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da mesma universidade, professora da Prefeitura Municipal de Uberlândia. E-mail: makla10@hotmail.com.

²A mudança de nome da cidade de Uberabinha para Uberlândia (atual), se deu em 1929 (DANTAS, 2008, p. 32), ou seja, em um ano entre as publicações apresentadas (1924 e 1934).



e anúncios. Estes só existem porque se entende que o jornal possui um grande número de leitores. Portanto, é na conquista (pela escrita) que se encontra a principal arma de sobrevivência de um periódico na primeira metade do século XX. Se essa conquista permitiu que *A Tribuna* tivesse 25 anos de existência, é porque em suas folhas se manifestaram questões de grande interesse para a comunidade na qual o jornal circulou. Portanto, é significativo, ao olhar do investigador, o tempo e a periodicidade de *A Tribuna*. De forma que ambos estão atrelados aos seus discursos.

A proposta deste trabalho em relação à análise das fontes parte de um princípio, do qual disserta Michel Foucault, de que o discurso não é um reflexo transparente e unívoco da sociedade. Antes, sua construção se apresenta ao pesquisador repleta de interesses. Assim, não há um entendimento baseado na possibilidade de um desvelamento da verdade dos fatos, mas sim nos jogos da linguagem enquanto produtores de verdades. Eles explicitam vontades de saber, reivindicando espaços de legitimação e perpetuação no tempo. Segundo o filósofo francês “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999a, p. 10).

Imergindo, portanto, nas discussões, angústias, projetos e lutas de Uberabinha/Uberlândia nas décadas de 1920 e 1930, propõe-se, neste artigo, um exercício de desnaturalização dos discursos de *A Tribuna*.

Nesse sentido, as fontes emergem como instrumentos-efeitos de práticas dinâmicas cujos jogos de poder e desejos de verdade permitem problematizar o documento em relação construtiva com seu contexto. Assim como fabricam relações, imagens, ideias, interesses e identidades, os discursos são também fabricados por todos esses elementos que compõem as práticas de seu contexto histórico e social. Das duas fontes selecionadas para este trabalho, a primeira é uma nota informativa publicada no dia 05 de outubro de 1924:

Por uma comunicação feita à Sociedade de Medicina e Cirúrgica, pelo dr. Reinaldo de Aragão, sabe-se estar sendo empregado no Rio, com admiráveis resultados, o processo do dr. Voronoff para o rejuvenescimento do homem. Meia dúzia de intervenções realizadas tiveram espantosa eficiência, sendo de notar que as experiências em organismos femininos foram mais que as outras, bem-sucedidas. A campanha científica para retorno à mocidade, deixou, assim, de ser uma lenda humorística, um objeto de pilheria, para tornar-se realidade perfeita. E, como toda realidade repousada na ciência, objeto de respeito. Na sua comunicação, não se limitou, contudo, o dr. Aragão, a exposição do que conseguiu: fez também uma recapitulação do que se tem realizado em todos os países do mundo, nos quais o enxerto está se tornando mais comum, tão cotidiano, como a laparotomia ou a extração do apêndice. Uma das citações mais interessantes foi, entretanto, a que sucedeu na Inglaterra. Em um dos asilos de Londres destinados à velhice inválida, foram escolhidos 27 anciãos, para serem submetidos à experiência. Desse 27, nenhum deixou de sentir o efeito benéfico da intervenção, sendo que 16 deles o sentiram tão completo, que abandonaram o asilo voltando, à

atividade, à luta vigorosa pela vida. A morte já deixou de ser, pois, um espantinho inevitável. É um mal que pode ser, pelo menos adiado... E, assim sendo, quantos homens de hoje poderão ficar na terra, a fim de serem, por obra e graça dos incaicos, contemporâneos dos seus semelhantes do século XXI? (POR UMA COMUNICAÇÃO, *A Tribuna*, 1924, NUM. 263).

A publicação sobre uma experiência de rejuvenescimento do homem é compreendida enquanto uma manifestação política de desejo de poder em relação à ciência, ao corpo, à tecnologia e ao gerenciamento da vida (numa correlação à fuga da morte). Por meio da quebra do discurso do texto, percebe-se seus enunciados, ou seja, as formas discursivas pelas quais as práticas materializam as coisas (objetos). Assim, uma breve nota de jornal que enaltece uma experiência científica permite pensar a construção (política e artística) de valores positivos em relação à juventude, negativos em relação à velhice, sentidos patológicos atribuídos à morte ou às doenças, bem como uma perspectiva de progresso humano e da tecnologia como gerenciamento da vida.

O discurso é, pois, desejo e poder simultaneamente. A partir do momento em que se manifesta, o acompanha uma potência de naturalizá-lo. No caso da fonte, tomá-la enquanto evidência, resquício ou, até mesmo, um dado neutro e informativo de um processo de desenvolvimento é desconsiderar os desejos de verdade de sua fala, suas construções discursivas situadas num embate de saber. Este ora atua como forma de normatização, ora como resistência aos múltiplos discursos em movimento.

A metáfora de um processo de transformação da morte, por exemplo, de *espantinho inevitável para mal que pode ser pelo menos adiado* emerge, enquanto visibilidade, de uma prática na qual as vontades de distanciamento de um passado, que é também construção discursiva (com cores de campo, dificuldade, falta de conhecimento, doenças e tragédia), se aliam a estratégias conceituais médicas, científicas para defenderem um conhecimento e uma concepção de caminhada humana progressista.

A segunda fonte que este trabalho busca problematizar entra nesse debate como um lugar outro. Tal como entende Foucault, todo discurso é uma produção localizada em uma prática repleta de embates. Os confrontos de ideia do que é verdadeiro (ou belo, correto, saudável, normal) são colocados fazendo da produção discursiva arma de um jogo político intermitente. O progresso e cientificidade, tão aclamados na nota de rejuvenescimento, não fogem à dinâmica do poder. Em 4 de fevereiro de 1934, o seguinte texto é publicado n' *A Tribuna*:

O grão... de areia

Todos nós que aqui vivemos neste amorfo de trabalho, sociabilizado (?), não nos livramos de uma apreensão, que aperta o nosso pensamento, pelo muito que temos sabido querer Uberlândia. Há qualquer coisa instável, qualquer coisa que nos incomoda e que esperamos dela nos livrar de uma hora para outra, como daquele grãozinho de areia que se introduz dentro do nosso sapato, numa procissão, por exemplo, e que só em casa o podemos mandar às urtigas.

Uberlândia não está em seu lugar. Falta-lhe qualquer coisa de estável, de paz, de assentado, de definitivo. Há uma coisa que preocupa e incomoda o espírito da população inteira, pondo-a, desconcertada, desacostumada como é, de certos costumes, de certas licenciosidades, de factos enfim que não se coadunam com os seus princípios, com o seu modo de ver, com os seus sentimentos de probidade. Não é preciso ser psicólogo para notar-se esse fenômeno. Ele está em nossos cumprimentos, em nossos olhos, em nossas diversões, em o almoço intimo que oferecemos a um amigo, em uma simples palestra, em nossos atos, atras do pensamento que transmitimos à frase, hipócrita às vezes, e que outras tantas não pode ocultá-lo, pela força com que o aprofundamos em nossas meditações. Uma corrente oculta de vontades não dirigidas dir-se-ia sintetizar o fenômeno que atua nos espíritos uberlandenses, ávidos de progresso e fé no futuro de sua cidade, si afirma-lo não fosse profetizar na ciência onde muita coisa pode falhar. Afirmemos, contudo, que paira sobre nós uma vontade insatisfeita. Uma preocupação de retirar do nosso sapato aquele grão de areia, que não sabemos como veio nele se introduzir. Adolpho Macieira (*A Tribuna*, 1934, NUM. 764).

Ambas as fontes estão presentes neste ensaio de forma seletiva e interessada para expressarem a não dominação de um só discurso. Uma década as separam, afinal as teleologias humanas e suas críticas não são restritamente datadas; sua luta está na filosofia, na história, entre escritos de jornais sertanejos. Se por um lado existe a ideia de ciência enquanto objeto de respeito, pautada numa fé no progresso; por outro (e no caso, em um mesmo meio de veiculação) existe a perspectiva receosa, atenta para um comportamento urbano hipócrita e para as falhas científicas. “O grão... de areia” se aproxima da ideia trabalhada por George Simmel (1973) sobre a atitude *blasée* característica do meio metropolitano, no qual a multiplicidade de estímulos produz uma reação antipática do indivíduo como forma de proteção, uma preponderância do espírito objetivo sobre o subjetivo.

Ambos os documentos (de 1924 e 1934) são pensados em relação com base numa abordagem ancorada na ideia de poder para Foucault. Este desconstrói um suposto lugar institucional, fixo e repressivo do poder; ele está, antes, pulverizado na sociedade e emerge através de discursos discordantes. A contraposição (a crítica de uma fonte para a outra) traz à baila o embate de poder, que implica necessariamente numa luta pela verdade.

2. Desenvolvimento

Todos os discursos, por mais contraditórios, descrevem a realidade no sentido de se situarem numa disputa política. Como argumenta Gilles Deleuze, em diálogo com a teoria foucaultiana, “Não nos perguntamos ‘o que é o poder? e de onde vem?’, mas – como se exerce? Um exercício de poder aparece como um afeto, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças (com as quais ela está em relação) e de ser afetada por outras forças” (DELEUZE, 2005, p. 79). Não é possível, então, captar o poder senão por meio



de lapsos de sua dinâmica, afetos manifestos nos discursos que nos apontam para a função do poder, seu movimento, e não para sua cristalização no tempo e no espaço.

Nesse viés, reforça-se, também, a ideia de rarefação do discurso, no sentido de que ele não é algo dado, maciço, conciso. Propor-lhe uma análise é considerar antes sua emergência enquanto aspecto de um todo constantemente fugido. Essa dispersão é elemento fundamental de interpretação. Ora, se a questão-chave para Foucault não é o que é, mas como se constrói, tanto o estar fora quanto o estar dentro de um conjunto de estratégias e enunciados fazem parte dos caminhos percorridos pelo discurso na sua forma de expressão do poder.

Assim como Deleuze, Durval Muniz de Albuquerque Júnior também atenta para a inversão epistemológica do questionamento em relação ao discurso proposto por Foucault. O historiador escreve: "O que se deve perguntar, pois, não é, apenas, o que diz esta voz que rompeu o silêncio do passado, mas se perguntar por que ela pode romper este silêncio, que condições históricas permitiram que esta experiência não permanecesse sepultada no passado" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 139).

O avanço humano (progresso) e o retorno biológico (mocidade) se casam na construção de um desejo de saber. Proibidades desarmadas por novos costumes se tornam pedrinhas no sapato cidadão. As transformações urbanas da primeira metade do século XX, mesmo em uma cidade interiorana, ganham múltiplas camadas de significações: orgulho e medo, exaltação e receio. O lado que vê com positividade o desenvolvimento tecnológico se insere discursivamente ao lado das ações políticas e institucionais, do *status quo*; ao passo que crítica literária e metafórica, temerosa dos movimentos de transformação dos costumes encarna o poder contrário, a crítica baseada numa saudade dos tempos passados. Esses exemplos são amarrações discursivas, costuras as quais Foucault propõe o desmanchar nas suas mínimas tessituras.

Nesse desenrolar dos nós se figura a já citada relação poder-saber. Para Foucault, poder implica em saber e *vice-versa*. O dito conhecimento de algo (seja de uma fórmula rejuvenescedora, seja de um fenômeno de insatisfação social) é em si um exercício do poder, que sempre se dá calcado na construção discursiva de verdades. Nas palavras do filósofo francês: "não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento" (FOUCAULT, 1991, p. 30). Essa vontade de saber (também, vontade de poder), presente nos discursos, é ancorada em demais "conhecimentos" (estratégias, conjuntos discursivos creditados), compondo uma arqueologia na qual os saberes isolados se entrelaçam para reforçar a tomada do poder e construir sua visão do social.

A edificação de ideias, conceitos, disciplinas, através das interpretações e construções discursivas, deve ser encarada enquanto exercício humano que emerge de um determinado lugar. Esse lugar, Foucault entende como prática.

Paul Veyne promove uma reflexão no sentido de compreender os discursos enquanto pontas de *icebergs*. As partes ocultas, submersas, seriam as

práticas, sempre dinâmica, das quais determinados aspectos emergem a vista, com suas vontades de poder-saber.

A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz). Se a prática está, em certo sentido, 'escondida', e se podemos, provisoriamente, chamá-la 'parte oculta do iceberg', é simplesmente porque ela partilha da sorte da quase-totalidade de nossos comportamentos e da história universal: temos, frequentemente, consciência deles, mas não temos o conceito para eles (VEYNE, 1995, p. 248).

Essas pontas de *icebergs*, porém, não são tão translúcidas quanto a imagem figurada possa fazê-las parecer. O rejuvenescimento do homem através de procedimentos científicos, por exemplo, caracteriza antes um "discurso-tela" (FOUCAULT, 1988, p. 53), para pensar em termos foucaultianos. Ele constrói seu lugar privilegiado de saber-poder, ancorado numa arqueologia de demais conhecimentos, produzindo uma determinada forma de significar e se relacionar com a morte e o morrer. Essas ações e significados dizem de uma prática que, porém, não está cristalizada. A fala da nota de rejuvenescimento não é uma perspectiva única e sem críticas. Estas, também, estão enraizadas em desejos de verdade e estratégias discursivas que se valem de credenciais filosóficas, sociológicas e psicológicas para problematizar as angustias da sociedade moderna. Afinal, o intuito principal deste trabalho não é definir conceitos ou revelar signos ocultos das fontes, mas refletir possíveis pontos dos processos constituídos e constitutivos destes discursos.

Esses ancoradouros discursivos são elementos fundamentais que possibilitam aos ditos sua emergência, os situam dentro de um lugar de fala restritamente delimitado, e por isso mesmo creditado, e somente assim sua potência de saber-poder é reforçada, pois "ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo" (FOUCAULT, 1999a, p. 39).

O discurso é, então, pura maquinaria política. Uma maquinaria complexa, cujos dispositivos de funcionamento podem ser percebidos através da análise do discurso. Este é produzido por meio de processos, que Foucault (2004, p. 235) denomina, de *objetivação* e *subjetivação*. No caso dos documentos apresentados, pode-se compreender que a nota se vale de discursos que valorizam o progresso científico e o controle dos corpos para objetivar uma ideia positiva sobre o "rejuvenescimento". Este é produzido, ou seja, objetivado. Tal como os próprios corpos jovens (enquanto corpos "normais", "saudáveis" e "belos") são subjetivados, também, por tal discurso engendrados nessas práticas. Por outro lado, o texto de Macieira opera uma objetivação engendrada em outros discursos (de medo, angústia, descrença e saudosismo) para compor uma tela, ou ainda, uma imagem distinta: no lugar da valorização do progresso, emerge um repúdio a ele. O embate desses ideais acontece na prática. A ponta do *iceberg* permite ver os textos, mas a análise profunda deles aponta para a luta entre perspectivas num contexto marcado pela transformação urbana.

Os conceitos de objetivação e subjetivação corroboram a ideia de que todos os objetos e sujeitos, respectivamente, são produtos de procedimentos de poder. A forma como os indivíduos se comportam, suas falas, seus conceitos e definições, a maneira como se relacionam, os espaços em que circulam, suas vestes, suas proibições e, especialmente, seus atos de constranger; tudo implica poder, tudo implica modelações e atualizações das modelações de coisas, palavras e pessoas. O que é ou não aceito não está fixado, mas é constantemente reformulado e incorporado por meio de pedagogias sociais punitivas (física e emocionalmente). O constrangimento com a falta de produtividade, cansaço e adoecimento do corpo idoso faz com que este seja subjetivado (produzido, em termos materiais e simbólicos) de forma negativa e segregacionista. A própria morte é tornada um objeto *mal*. Ainda assim, objetivados e subjetivados dentro das grades dos processos que os constituem, objetos e sujeitos não são puros automatismos frente a uma espécie de instituição, classe dominadora, ou até mesmo um movimento da história universal. Antes, são armas em luta; produções de dinâmicas de dispositivos de poder. “O grão... de areia” complementa as discussões da nota, justamente, por fazer uma resistência ao seu envaidecido discurso, objetivando e subjetivando, não a morte e o corpo velho, mas o progresso e corpo metropolitano como alvo de seus incômodos.

As teleologias progressistas expressas na nota de rejuvenescimento, que projetam um alongamento da vida humana, pelas vias da ciência, ao ponto de alcançarem o próximo século, para além de um desejo de poder e saber, se remetem a um prazer, compartilhado com o leitor e respaldado por ele, na perspectiva de um bem-estar, de um afastamento da dor e da invalidez, de, inclusive, uma boa morte (não mais um espantinho e sim um mal remediado).

Portanto, há no discurso um terceiro elemento (tanto se sustentado como amparado pelo poder-saber): o prazer. Eis a tríade foucaultiana de poder-saber-prazer que determinam os procedimentos pelos quais as objetivações e subjetivações se dão, expressas, tal como lampejos, nos discursos. Seria, então, minimamente estranho, tendo em vista a articulação discursiva do documento, notar outra publicação no jornal fazendo um contraponto ao progresso? Com certeza, não. Esses jogos reforçam o não assujeitamento por um dispositivo discursivo. Nas palavras de Foucault:

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreeita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir (FOUCAULT, 1988, p. 45).

A dupla incitação, da qual trata Foucault, de prazer e poder se mantem na ideia: não se proíbe o que não se faz. A proibição não é uma via de mão única, ela instiga sua própria violação, pois o poder está pulverizado e todos, a todo momento, jogam com ele, clamando para si ou para seu grupo um lugar privilegiado do embate de forças. No texto “O grão... de areia”, o incômodo (o qual nem ao menos cabe um conceito para que não se fale em nome da ciência),

causado pela não coadunação de novas práticas com os sentimentos de proibidade uberlandense, aponta para essas entranhas, nos quais poder confronta poder, estratégias criticam estratégias, verdades colocam em xeque verdades. Estes são jogos movidos pelo poder-saber-prazer e perpassam todas as instâncias da vida em sociedade.

Nesse viés, o corpo é um alvo prioritário dos processos de constituição, mesmo quando tortuosos, em que certos traçados correspondem dentro de limites e direções específicas de combinação de poder-saber-prazer. Na nota de rejuvenescimento, a morte espantosa é assim construída para que a morte remediada exista. Esta só é ontologicamente possível no distanciamento, na quebra, com aquela. As oposições, instrumentos e efeitos, dialogam no bojo de objetivações (como de escritos, ritos, tratamentos) e subjetivações (na relação do sujeito com a morte, sentimentos, comportamentos) próprias de uma prática. Em relação a esta, Michel Foucault disserta sobre seus aspectos atualizados de constrangimento e punição em torno do corpo:

É preciso refletir no seguinte: um médico hoje deve cuidar dos condenados à morte até ao último instante – justapondo-se destarte como chefe do bem-estar, como agente do não-sofrimento, aos funcionários que, por sua vez, estão encarregados de eliminar a vida. Ao se aproximar o momento da execução, aplicam-se aos pacientes injeções de tranquilizantes. Utopia do poder judiciário: tirar a vida evitando de deixar que o condenado sinta o mal, privar de todos os direitos sem fazer sofrer, impor penas isentas de dor. O emprego da psicofarmacologia e de diversos 'desligadores' fisiológicos, ainda que provisório, corresponde perfeitamente ao sentido dessa penalidade 'incorpórea' (FOUCAULT, 1991, p. 16-17).

As táticas modernas, pois, de entorpecimento frente à dor não são produtos do surgimento de uma nova sensibilidade, de uma suposta humanização refinada, mas a atualização de tecnologias políticas do corpo, das maneiras como poder-saber-prazer atuam diretamente nas modulações, implicando necessariamente em proibições, do corpo humano.

Segundo José Carlos Rodrigues (2006, p. 195) a anestesia é a "grande invenção, capaz de alienar o sujeito de seu sofrer". Talvez seja mais proveitoso, nesse caso, pensar não uma alienação no sentido de uma não consciência da verdade mascarada por uma ideologia poderosa atuando sobre o sujeito, mas este enquanto produto e produtor de um processo de subjetivação que lhe dá contornos historicamente localizáveis, sofrendo ou não sua morte de acordo com as práticas das quais emerge. Como escreve Foucault: "A preocupação que se tem em esquivar a morte está menos ligado a uma nova angústia que, por acaso, a torne insuportável para as nossas sociedades, do que ao fato de os procedimentos do poder não cansarem de se afastar dela" (FOUCAULT, 1988, p. 130). De uma obrigatoriedade em sentir dor para ter uma boa morte (ARIÈS, 1977), expiando, pois, os pecados cometidos, na modernidade a negação ao sofrimento atua como um mesmo recurso de delimitação das formas da morte e do morrer.

A referência ao asilo, presente no documento, é extremamente significativa neste debate. Essa instituição (assim como a prisão, o hospital e o sanatório) é um lugar-chave de aplicação e funcionamento desse dispositivo do poder sobre o corpo, segregando do convívio aqueles corpos que se negam ou são impossibilitados à submissão, produção e normalização dentro dos princípios estruturais dessas tecnologias políticas do corpo.

A *luta vigorosa pela vida*, ou seja, a não ociosidade, o peso morto de um corpo para um grupo, é uma representação produto da *episteme* moderna com desejos tão intensos para com este ser humano que deixa de ocupar, a partir dos séculos XVII e XVIII, o lugar tão somente de observador para ser também objeto de conhecimento (FOUCAULT, 1999b), adquirindo, em termos de construção discursiva, uma vida. Daí os projetos e esforços científicos de cuidar e potencializar a vida, ávidos de resultado e progresso (como aponta o texto de Adolpho Macieira), caracterizando, pois, o saber constituído pelas vias de uma abordagem teleológica.

O enfoque no corpo feminino, também, é significativo. Ele aparece como reflexo de um desejo acentuado de controle sobre esse sujeito. Como disserta Foucault (1988), existe um dispositivo histórico de produção (do que é “normal”, “saudável”) que se volta para corpo da mulher lhe direcionando inúmeras análises e conseqüentes patologias necessárias de medicação e tratamento científico. Ainda, pensando em diálogo com Tania Navarro Swain (2016-2017), tais construções apontam para o mecanismo de funcionamento desse dispositivo, calcado numa perspectiva do patriarcado, que toma a mulher como diferente, na sua oposição com o homem (branco, heterossexual), padrão de normatização e normalização do todo social.

O corpo, por meio desses processos de subjetivação e objetivação, figura-se tal qual uma máquina passível de condicionamento e regulamento, mas, diferentemente dessa, rebela-se constantemente contra seus controladores. Portanto: “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89). Os dispositivos e as tecnologias sobre o corpo não são, assim, dados estáticos detentores de poder, mas combinações de estratégias localizadas e interessadas, jogando com o poder-saber-prazer, alvos, também, desses recursos. Afinal, não é preciso ser psicólogo para ver tais mecanismos se manifestarem nos corpos, aliás, um escritor de jornal pode notá-los nos cumprimentos, nos olhos, nas diversões, nos almoços, nas palestras, nos atos, nos ditos e nos silêncios de uma sociedade. A pulverização desse incômodo grão, se trata, para usar os termos de Foucault (1991, p. 29): “de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.”.

Esse movimento passa a encarar o corpo como máquina e como espécie (respectivamente, o que Foucault (1988, p. 131) conceitua enquanto *anátomo-política do corpo humano* e *bio-política da população*) e articula estratégias em relação à administração sistemática da vida, que surge enquanto representação. Essa situação não está isolada em escritos de jornais, textos científicos, um ou outro comportamento. Esses elementos são, antes, “pontas de icebergs”

emergentes de um processo histórico no qual as punições em torno do corpo se transformam, buscando neste o máximo de sua potência produtiva.

Da pena de morte à gestão da vida existe um dispositivo de poder se atualizando, que, a partir do século XVII, passa a constituir *a era de um "bio-poder"* (FOUCAULT, 1988, p. 131-132). Nas palavras do filósofo francês, trata-se da primeira vez em que "o biológico se reflete no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder" (FOUCAULT, 1988, p. 134). As tecnologias (de todos os tipos) se voltam para a manutenção, normatização e exploração da vida, sendo o corpo seu referente imediato. Daí a multiplicação dos ofícios médicos, seus espaços de atuação, suas estratégias discursivas, a produção dos remediadores e entorpecedores da morte, dos normalizadores do bem-estar; reflexos do movimento das engrenagens de uma nova prática, na qual poderes, saberes e prazeres são reinventados.

A nota de rejuvenescimento remete a esse processo, construindo e sendo construída pelo emaranhado de desejos da biopolítica. Não cabe à análise do discurso uma detração dos mesmos, desconstrução sim, inclusive na interface com outros tipos de estratégias (como o texto de Adolpho Macieira). O princípio de que até mesmo o que poderia ser considerado um discurso fantasioso é pura realidade rompe com a busca pelo "correto" e pela "verdade". A realidade surge como enunciado, vontade, projeção, efeito de dispositivos, tecnologias, normativas e resistivas.

Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito (FOUCAULT, 1988, p. 136).

3. Considerações Finais

Enfim, através da seleção de pontos, compreendidos como cruciais, presentes nos escritos do jornal *A Tribuna* em estreita relação com a reflexão de conceitos foucaultianos (como de discurso, enunciado, estratégias, jogos de poder, saber, prazer, tecnologias e dispositivos políticos do corpo, biopolítica), este trabalho encerra suas considerações.

A questão central proposta foi de pensar nos ditos como construções historicamente situadas, objetivações e subjetivações que não podem ser observadas se não por meio de situações delimitadas dentro de um jogo constante de poder, de desejo de saber e prazer.

A nota de rejuvenescimento emerge como ponta de uma prática, na qual dispositivos biopolíticos amparam modulações em torno do corpo humano, porém não de forma total; a presença de "O grão... de areia" se dá, justamente, para fazer o contraponto discursivo e político a essa tecnologia de gestão da vida e do progresso da espécie. Nesse sentido, ambas as fontes, por mais estranhas que possam parecer em um primeiro contato, são aqui entendidas

correlacionadas, complementares de uma dinâmica complexa dos jogos de poderes da vida social.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "Experiência: uma fissura no silêncio". In: **História**. A Arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru: EDUSC, 2007, p. 133-148.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Da Idade Média aos Nossos Dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

DANTAS, Sandra Mara. De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950). In: **Uberlândia revisitada**: memória, cultura e sociedade. Diogo de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (Org.). Uberlândia: EDUFU, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. 10ª Ed. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. 9ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V).

MACIEIRA, Adolpho. O grão... de areia. **A Tribuna**, 04/02/1934, Anno XV, NUM. 764 (coleção A Tribuna, número de ordem 14, Arquivo Público de Uberlândia).

POR UMA COMUNICAÇÃO. **A Tribuna**, 05/10/1924, Anno VI, NUM. 263 (coleção Jerônimo Arantes, número de ordem 47, Arquivo Público de Uberlândia).

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SIMMEL, George. "A metrópole e a vida mental". In: **O Fenômeno urbano**. Otávio Velho (Org.), Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SWAIN, Tania Navarro. "Esta violência que só faz aumentar...". **Labrys, estudos feministas** (Online), n. 30, Julho/2016 – Junho/2017. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys30/patriarcado/taniapt.htm>. Acesso em: 17 jun. 2022.

VEYNE, Paul. "Foucault revoluciona a história". In: **Como se escreve a História**. Brasília: UnB, 1995.

Recebido em: 18 de maio de 2022.
Aceito em: 9 de junho de 2022.
Publicado em: 11 de dezembro 2022.

